

O FUTEBOL NA *BELLE ÉPOQUE* FRANCESA: entre a resistência, a apropriação e a mundialização*

Cristian Cláudio Quinteiro Macedo**

Resumo: Na segunda metade do século XIX, o futebol era praticado por britânicos, em vários países onde guardavam interesses comerciais. Todavia, o processo de regramento e mundialização do esporte foi efetivamente realizado por iniciativa de franceses que acreditavam em seu papel civilizador. Após sofrer resistência, na França, por alguns setores conservadores, o futebol foi apropriado, chegando-se a defender uma possível origem normanda do jogo. No entanto, a visão que se consolida é a que acredita no esporte como algo próprio do humano, logo universal. Assim, na *Belle Époque* francesa, instituições francófonas são criadas para regular e mundializar o esporte, iniciando uma nova etapa do que Norbert Elias tratou, principalmente em âmbito inglês, como processo civilizador.

Palavras chave: Esporte, Futebol; Processo Civilizador; Mundialização.

Resumen: En la segunda mitad del siglo XIX, el fútbol era practicado por los británicos en varios países donde tenían intereses comerciales. Sin embargo, el proceso de **mundialización** del deporte y regramento fue lanzada en realidad por iniciativa de los franceses que creen en su papel civilizador. Después de sufrir la resistencia en Francia por parte de algunos sectores conservadores, el fútbol fue aceptado, incluso para un posible origen normando del juego. Luego, la visión que se consolida es que el deporte es humano así siendo universal. Por consiguiente, en la *Belle Époque* francesa, las instituciones francófonas llegan para regular y mundializar el deporte, empezando una nueva etapa de lo que Norbert Elias dice, principalmente en el contexto Inglés como un proceso civilizador.

Palabras clave: Deportes; Fútbol; Proceso Civilizador; Mundialización.

1 Introdução

Na 3ª República, constituída após a queda de Napoleão III (1870), a França passa a viver um período de intensos avanços econômicos, científicos e culturais conhecido na história como *Belle Époque*. Terminado o período de 18 anos de um governo próspero, mas dirigido por mãos de ferro pelo sobrinho do corso, a democracia retorna ao território francês. É nesse contexto de progresso, democracia e liberdade que o futebol ganha espaço no país, avançando não somente nas cidades de presença inglesa, mas também entre os jovens dos clubes, escolas e liceus. O sucesso, em solo francês, de um esporte eminentemente inglês evidentemente traria reações diversas. O presente artigo apresenta duas: a resistência e a apropriação. O caso de resistência ocorre em 1891 quando, em um

* O presente artigo foi possível graças à orientação do Professor Dr. Cesar Augusto Barcellos Guazzelli, responsável pelo projeto de pesquisa "Futebol: História Social e Identidades" e pela cadeira de História Social do Futebol, criada por ele, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

** Graduando em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
E-mail: cristian.macedo@ufrgs.br.



dos mais tradicionais jornais franceses o *Journal des Débats*, é publicado um artigo que apresenta uma lista de “vítimas do futebol”. O caso de apropriação ocorre dez anos depois, em um contexto de sucesso sem volta do futebol: um livro é publicado defendendo a origem francesa medieval desse esporte.

Para melhor contextualizar e compreender esses dois casos, serão apresentados alguns dados históricos do futebol francês, bem como alguns pontos das reflexões de Norbert Elias (1992 e 1993) no que diz respeito ao processo civilizador em que o futebol está inserido e também de Hilário Franco Júnior (2007), quanto ao espírito de regramento presente nesse processo.

É a partir da proposta de Elias (1992) sobre o processo civilizador que se percebe um caminho de sofisticação e de contenção da violência nos esportes. Mais afeito ao espírito democrático, esse caminho tem suas origens na Inglaterra, e parece ter seu ápice na França da *Belle Époque*, principalmente pela criação, em 1904, daquele que seria seu órgão maior: a *FIFA (Fédération Internationale de Football Association)*.

2 O processo civilizador e o futebol

Ao publicar *O Processo Civilizador*, que é considerada por muitos sua obra máxima, Norbert Elias vai buscar na história europeia, principalmente em suas raízes medievais, elementos para entender as mudanças nos padrões de comportamento da sociedade que a levaram ao atual patamar do que entendemos como civilidade. Analisando tanto as dimensões sociais do poder regulador quanto da internalização por parte dos indivíduos de noções de autocontrole, Elias defende uma relação entre a formação do Estado, e seu controle sobre as elites guerreiras, e as mudanças nos códigos de sensibilidade e de conduta, isto é, a relação entre um aparato governamental sofisticado e as transformações na maneira de sensibilizar-se com as coisas do outro e do mundo, bem como a gênese de um comportamento cada vez menos violento em relação aos demais.

Para Elias (1993), o controle social passa a ser, como decorrência de mudanças culturais, presente no indivíduo em forma de autocontrole. Além disso, importantes mudanças sociais ocorrem como, por exemplo, a transformação de guerreiros em cortesãos, o que produz um abrandamento nas relações, uma racionalização da consciência e o aflorar das noções de “vergonha”, “repugnância” e “embaraço”. Com o advento da burguesia o processo civilizador ganha um novo impulso, pois é esta classe que acaba buscando universalizar seus padrões de sensibilidade e conduta, lançando mão de termos como “liberdade” e “felicidade”. Na medida em que ganhavam mais poder e autoconfiança, os burgueses contrastavam seus valores com os dos cortesãos: o trabalho se opunha à indolência, a “natureza” à etiqueta, o cultivo da cultura e da moral às boas maneiras.

Ao tratar do esporte, sob o ângulo do processo civilizador, Elias (1992) se debruça sobre a história inglesa, quando ocorre o processo que ele chama de “desportivização dos passatempos” e uma posterior exportação de muitos destes esportes. Até chegar ao século XVIII, onde aparecem torneios esportivos com regras bem estabelecidas, entre a aristocracia e a *gentry*, o autor apresenta um histórico que demarca a relação entre o desenvolvimento dos esportes e o das estruturas de poder inglesas.

Disputas físicas não violentas se desenvolvem em um processo de apaziguamento social inglês. As principais forças que buscavam o poder, que comumente resolviam suas questões usando de violência, passaram a usar meios não violentos, abaixo de regras convencionadas e fiscalizadas por



elas. Após o ciclo de violência iniciado em 1641, com a execução de Carlos I pelos puritanos, a sociedade inglesa passa pelo desenvolvimento de uma lógica de convivência e de disputa pelo poder regrada e não violenta necessária a um sistema parlamentar. Figuras conciliadoras e diplomáticas como o Marquês Halifax e Robert Walpole, e a percepção das diferentes classes proprietárias de terras de que o momento exigia um regramento nas disputas políticas, propiciou o processo de pacificação das elites. O esporte está ligado a esse processo. Por não haver impedimentos à livre associação entre cavalheiros, a Inglaterra vê o florescimento dos *clubs*, muito importantes na regulação dos jogos esportivos.

2.1 A Revolução Industrial, o futebol e a fixação de regras

Se em Elias (1993) a análise é focada na relação entre o sistema parlamentar inglês e a necessária sofisticação das relações (incluindo pacificação, contenção, diplomacia e um constante e progressivo regramento) que formam um caldo cultural próprio para o nascimento do desporto, em Franco Júnior (2007) a abordagem privilegia a relação entre o capitalismo e a institucionalização. É no desenvolvimento das instituições, intensificado na Inglaterra oitocentista, que Franco Júnior estabelece a relação do seu estudo com o de Elias. A fixação de regras corresponde ao processo civilizador. Instituições “nada mais são do que regras do jogo social. Ou seja, restrições de comportamento que permitem a vida em sociedade, controlam interesses individuais em nome do bem comum” (FRANCO JR., 2007, p. 25).

Com o progresso do capitalismo, notadamente no período histórico conhecido como *Revolução Industrial*, há uma crescente demanda por “padronização, codificação e fixação em vários planos da vida inglesa. [...] Não é de se estranhar, portanto, a multiplicação de regras esportivas” (FRANCO JR., 2007, p. 26). Das tentativas de regramento universal do futebol a mais bem sucedida, e que marca o nascimento do futebol contemporâneo, é a reunião na *Freemson's Tavern*, em Londres, de representantes de *clubs* e escolas onde é criada a *Football Association*.

A regulamentação do futebol é parte integrante do processo civilizador que

[...] desde o século XVIII visava domar e dominar o corpo, submetendo-o ao poder socialmente instalado. Daí a importância dos esportes, com sua ética, suas regras, seus árbitros. À medida que eles se expandiam espacialmente e demograficamente, criavam instâncias representativas e/ou decisórias: capitão do time, presidente do clube, representante de federação, conselho disciplinar, confederação etc. (FRANCO JR., 2007, p. 28)

Com as regras unificadas, o esporte conhecido como *Football Association* ou *soccer* (sua forma abreviada), passa a ser difundido pelos cidadãos ingleses que mantinham negócios em países da rede imperial britânica. Apesar de não ter a intenção de ensinar o novo esporte aos nativos, a prática é imitada e consolidada em diversas regiões do globo.

La aceptación relativamente rápida de los modelos ingleses em cuanto a deportes se refiere por otros países parece indicar que también em ellos existia



la necesidad de unos ejercicios físicos competitivos regulados com mayor firmeza, menos violento pero agradables y para lós que requeria uma gran capacidad de refinamiento (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 36).

Sem dúvida a França da 3ª República é um desses países que, pela rápida assimilação, necessitam dos esportes ingleses e sua vocação civilizadora.

3 O início do futebol na França

O futebol na França não tem apenas um caminho de chegada. Podemos considerar três vias de acesso ao esporte inglês em terras francesas: os marinheiros nos portos, os ingleses que tinham negócios no território e que mantinham seus *clubs* e a terceira e mais significativa seria a prática inserida nas escolas.

Em 1872, em Le Havre, cidade portuária da Alta Normandia, o primeiro clube de futebol da França (e do continente) é fundado. O que se observa em nível global é que as “cidades portuárias que, a partir da exibição informal de marinheiros britânicos, tiveram contato precoce com o futebol, quase sempre antes de qualquer outra localidade em seus respectivos países” (MASCARENHAS, 2001, p. 41).

Esse contato permite o conhecimento do esporte pelas comunidades locais, todavia é com a fundação dos *clubs* que o esporte finca balizas nessas localidades.

Les premiers clubs sont créés le plus souvent par les représentants des “colonies anglaises” installées dans les grandes capitales du continent ou dans lês grands centres d’échanges, de commerce et d’industrie, dons principalmenet lês ports (ARNAUD, 1992, p. 5).

Mesmo fora do território inglês, um *club* possui ainda critérios semelhantes aos que associavam *gentlemen* na ilha. Pierre Arnaud (1992), ao tratar das origens da prática dos esportes ingleses na França, afirma que *Le Havre Athletic Club Football Association* é fundado por ingleses estabelecidos na região. Filhos de comerciantes ou jovens promissores convocados a defender os interesses ingleses pelo mundo, os fundadores escolhem para representar o novo *club* na França as cores azul celeste e azul marinho para homenagear as instituições que há pouco frequentavam: Cambridge e Oxford. O azul celeste (somado a listras brancas) é a cor escolhida para outro clube de futebol, localizado na capital: o *Racing Club de France*. Fundado em 1882, inicialmente com a finalidade de abrigar a prática de diversos esportes ingleses (principalmente as corridas – ou *courses à pied*), o *Racing Club* acaba criando um time de futebol, oficializado em 1892.

Os *clubs* de futebol, ou *clubs omnisports*, como o *Racing*, eram voltados à juventude inglesa radicada em Paris, ou aos jovens filhos da aristocracia e da burguesia francesa. Estes jovens praticavam ginástica nos liceus, mas seus esportes preferidos tinham lugar nos *clubs* de caráter inglês. Percebendo essa anglomania juvenil francesa e tomando conhecimento do uso educativo do esporte em solo inglês, Pierre de Frédy, o Barão de Coubertin, mais tarde conhecido mundialmente como o pai dos Jogos Olímpicos da era moderna, inicia uma campanha nacional para difundir os esportes, inclusive o



futebol onde, segundo ele, “*le perfectionnement musculaire et le développement de l'habileté des joueurs y sont sans limites*” (MÜLLER, 1986, p. 137).

Para Arnaud (1992), a campanha de Coubertin tem sua primeira vitória quando, após fundar no início de 1888 o *Comité pour La propagation des exercices physiques dans l'éducation* e organizar competições esportivas entre as escolas, vê o Ministério da Instrução Pública criar o *Prix Bischoffsheim* para promover a organização dos jogos escolares. Além disso, surge ao lado do antigo professor de ginástica a figura do “professor de jogos”.

Coubertin vê nos esportes ingleses uma forma civilizada de exercícios que vai além da ginástica de cunho militar praticada por jovens franceses. Além da obediência, é preciso formar indivíduos que mantenham respeito às regras, mas que exerçam com sabedoria sua liberdade. O Barão entende que os jogos ingleses não poderiam ficar confinados à Grã-Bretanha ou praticados ao redor do mundo apenas por ingleses. O esporte inglês, incluindo o futebol, possui uma vocação universal. São os jogos esportivos capazes de realizar um avanço civilizatório e promover a paz entre as nações. Com esse espírito, em 1894, em um congresso na Sorbonne, propõe o ressurgimento dos Jogos Olímpicos (que acontecerão dois anos depois, em Atenas, na Grécia). Somente na segunda edição dos jogos, em Paris no ano de 1900, que o futebol tem seu *début*. Em caráter de exibição, três seleções (Grã-Bretanha, França e Bélgica) realizam um torneio no *Vélodrome de Vincennes*, próximo à Paris (MÉRILLON, 1902).

Segundo Arnaud (1992), em oposição à anglomania esportiva, a “anglofobia” logo tratou, através de seus representantes, de criar, em outubro de 1888, a *Ligue Nationale de d'éducation physique* e a *Ligue Girondine d'éducation Physique*, tentando barrar o avanço dos jogos ingleses. Não alheio a esse movimento Coubertin afirma suas convicções de que o esporte, antes de ser inglês, é fruto da humanidade:

Le patriotisme même semble lésé; certains considèrent le sport comme le produit de la civilisation anglaise, parce que c'est en Angleterre qu'il a reparu au XIXe siècle et ils s'imaginent naïvement que ce qu'ils appellent “les sports anglais” ne sauraient produire que des Anglais ou du moins des anglomanes. En réalité, il s'agit d'un principe humain, vieux comme le monde et qui est la conséquence de la cohabitation, dans l'homme, de l'esprit et du muscle. (MÜLLER, 1986, p. 557)

4 Journal des Débats

O *Journal des Débats* é um jornal que nasceu na Revolução Francesa, noticiando as decisões da Assembleia Nacional, mantendo-se atuante ao longo de todo o século XIX, deixando de circular somente em 1944.

Seu primeiro diretor foi Louis-François Bertin¹, que permaneceu a frente do jornal por quarenta anos, tendo como intervalo o período imperial. O jornal foi tido como oposicionista por

¹ Também conhecido como Bertin l'Ainé, foi imortalizado pelo seu retrato pintado por Ingres como a figura representativa da burguesia triunfante.



Napoleão que entregou sua direção a pessoas de sua confiança. Com a Restauração, o jornal é devolvido aos seus proprietários e a direção é restituída (NETTEMENT, 1842). Apesar de colocar-se como um jornal imparcial, desde suas origens o *Débats* possuía características conservadoras (BERTIN, 1889). É nessa perspectiva que o futebol é tratado pela primeira vez em suas páginas.

4.1 As vítimas do futebol

A edição da manhã, do *Journal de Débats* do dia 9 de abril de 1891 trazia um artigo com um título intrigante: “*Le victimes du football*”². Tratava-se de um relato enviado por um correspondente do jornal em Londres (que não tem seu nome publicado). Um esporte inglês que já ganhara o gosto dos estudantes e de certa parcela da elite francesa encontrava-se ligado à violência e à morte. A preocupação do autor do artigo parece ser acabar com a prática desse esporte “*plus sauvage, plus brutal, le plus dangereux*” nas escolas da França.

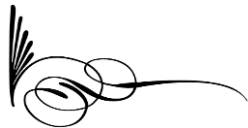
Não era o futebol nocivo apenas por ser mais um elemento da “anglomania” da época. Para o autor existiam anglomanias inofensivas como um *five o'clock tea*, todavia o futebol era tão perigoso que tornava obrigatório fazer um alerta ao Ministro da Instrução Pública, aos diretores de escolas e aos pais.

O correspondente relata a notícia lida na *Pall Mall Gazette* de Londres, que na realidade se resume a uma lista de acidentes, e suas consequências, ocorridos na temporada 1890-91 de futebol. Destacamos, abaixo, os que resultaram em morte:

- 20 septembre 1890. – J.W. Smith: reçoit un coup dans l’aine. *Mort.*
- 27 septembre. – S. Basford: coup dans l’abdomen. *Mort.*
- 4 octobre. – E. Dooge: plusieurs coups. *Mort.*
- 11 octobre. – J. Nicholson: fracture compliquée. *Mort.*
- 1^{er} novembre. – Smith, coup reçu au *football*. *Mort.*
- J. Miller: péritonite cause par coup reçu au *football*. *Mort.*
- 8 novembre. – A. Glasgow: blésse. *Mort.*
- 12 novembre. – H. Walters, jouer des plus renommés: coup, péritonite. *Mort.*
- 15 novembre. – Carrington: tombé dans La mêlée. *Mort.*
- J. Moorcroft (sept ans): chute. *Mort*
- Armitage: choc, lésion interne. *Mort.*
- 20 novembre. – W. Scholey: Genou abîmé. *Mort.*
- 29 novembre. – W. Howey: frappe à la tête pr la balle, crane brisé. *Mort.*
- 6 décembre. – M. Middleton: choc, lésions internes. *Mort.*
- 13 décembre. – W. Miller: blessure, operation. *Mort.*
- 27 décembre. – T. Helley: coup reçu. *Mort.*
- 7 février. – S. Perman: coup, rupture du duodenum. *Mort.*
- 24 février. – Fletcher: mêlée, chute, plusieurs joueurs tombent sur lui. *Mort.*
- 26 février. – J. Bennett. *Mort.*

² As citações na presente seção foram extraídas do artigo *Le victimes du football*, de 9 de abril de 1891.





7 mars. – J. Featherstone: *Mort.*

21 mars. – N. Morgan: *blesure à la tête. Mort.*

O correspondente encerra seu artigo dizendo deixar “*sans commentaires*” a trágica lista para as reflexões dos anglomaniacos e dos responsáveis pela educação das crianças que praticam o que ironicamente chamou de “*délicieux jeu de football*”.

4.2 Selvagem, brutal e perigoso ou civilizador?

Na edição de 15 de abril, o *Journal des Débats* publica a carta de Minssen³, um leitor que escreveu de *Versailles*, no dia 11, questionando o artigo. Em linhas gerais, sua carta rebate o argumento tirado da “*necrologie du football*” de que o futebol seria selvagem, brutal e perigoso, visto o número de acidentes mortais ocorridos na temporada.

Minssen destaca que os 21 acidentes mortais, são pouco frente aos 100 mil jovens ingleses que praticam o futebol, no mínimo uma vez por semana. Segundo ele, “*tout jeune Anglais de santé moyenne qui se respecte joue au football tous les samedis*”. Longe de representar riscos para a saúde, o futebol a fortalece e “*prolongé la vie*”, mantendo o jovem a salvo da tuberculose e da anemia. Ainda tratando dos números de acidentes, o autor da carta propõe que seja feito um levantamento dos ocorridos em outras atividades físicas como ginástica, bicicleta, canoagem, natação e equitação. Ao se depararem com os números, segundo a ideia do missivista, mesmo assim o Ministro, os diretores de escola e os pais certamente não iriam interditar “*ces divertiments*”.

O autor da carta usa outra forma de afirmar que o futebol não é violento: atribuindo às “*blasses classes*” uma maneira brutal de jogar. Segundo ele, todos jogam futebol na Inglaterra, incluindo as classes baixas, que são dotadas de “*une fureur et une violence*” que dificilmente se faz ideia. Muitos dos acidentes fatais ocorreram em *clubs* cujos jogadores “*se recrutent dans les faubourgs les plus mal famés de l’ouest de Londres*” e acabam por travar verdadeiros “*combats de gladiateurs*”. Eles calçam sapatos enormes que parecem “*marteaux-pilons, et tous les accidents n’étaient pas absolument fortuits*”. Dos acidentes presentes na lista, 75% envolvem adultos e entre estes a maioria é formada por profissionais do esporte. Os jovens, afirma Minssen, “*se contentent de jouer comme des gentlemen anglais*” o que torna o futebol um “*excellent exercice et fort peu d’accidents*”. Das duas “*variétés de football*” o rugby é “*la plus dangereuse*”, mas mesmo essa apresenta um baixo percentual de acidentes. Nos três anos em que um amigo de Minssen estudou em Marlborough (colégio com mais de 600 alunos, que jogavam futebol rugby todos os dias) apenas três acidentes ocorreram.

O futebol, para o autor da carta, tem regras mais fáceis de serem aprendidas que o cricket, por exemplo. E fazem o futebol ser um jogo ordeiro onde, além das vantagens físicas, existem os benefícios de uma obediência a uma “*discipline librement consentie*”.

Terminando sua carta, o autor propõe que, de todos os exercícios físicos conhecidos, o futebol é “*non seulement le plus sain, le plus économique, le plus passionnant, mais encore le moins dangereux*”. Além

³ Nessa seção as citações foram todas recolhidas da carta de um leitor (que o *Journal des Débats* apresenta apenas como Minssen, sem dar maiores informações sobre ele) publicada com o mesmo título do artigo que é seu objeto: *Les victimes du football*, em 15 de abril de 1891.



disso, nas escolas, os jovens serão “*plus forts et plus vaillants*”, e os professores os receberão em sala de aula acalmados, por “*une saine fatigue et mieux prepares à um travail intellectuel sérieux*”.

4.3 Última palavra?

Algo presente nas edições do *Journal des Débats* é a abertura de espaços para o leitor dar sua opinião, todavia, a “*dernier mot*” costuma ser da redação do jornal. No dia 21 de abril, é publicada a resposta do correspondente de Londres à carta do leitor⁴. Seu artigo não poderia ter impacto inicial maior: em 14 de abril (um dia antes da carta do leitor ser publicada) o chefe de polícia de Middlesbrough abre um inquérito sobre a morte de Joseph-Walter Blodes, de 20 anos, ocorrida no domingo (dia 11), após lesões sofridas no jogo de futebol em que participava no sábado. O correspondente destaca no texto “*jeu de L’Association*”.

Ao reafirmar que dos jogos ingleses o futebol era o mais selvagem, o mais brutal e o mais perigoso, ele acrescenta: “*je le repete et je le prouve*”. Diz o autor, não precisar remontar ao século XIII, quando a rainha Elizabeth o proibiu por ser violento, pois se ateria, aos fatos mais recentes. Nem discutiria os méritos de ser o futebol o “*plus passionant de tous les jeux*”, pois a paixão que instiga é por si só uma circunstância agravante. Para ele é impossível sustentar que o futebol é inofensivo, ou que a maioria dos acidentes se dá por que não se observa “*les règles du jeu établies pour em eliminer les éléments dangereux*”. O perigo seria tão evidente no jogo que “*en 1863, on em inventa une variante destinée à lui ôter um peu de sa brutalité. C’est ainsi que prit naissance le fottball dit l’Association*”.⁵ Mas ressalta que Blodes, cuja morte era motivo de inquérito policial indicado no início de seu texto, “*jouait le football de l’Association*” o que provaria que a modalidade estava longe de ser inofensiva. Depois de 1863, completa o autor, pode-se fazer uma lista longa de “*hommes d’Etat, de gentlemen, d’avocats, de médecins*” que ficaram com as marcas das lesões sofridas no futebol em sua juventude. Um lorde D...⁶ teria sido, por uma séria lesão, impedido de seguir a carreira militar. Um jovem francês, M..., recém casado, teria sido operado “*par un de nos plus éminents chirurgiens de Paris*” depois de ter passado por outras cinco cirurgias após um golpe recebido no futebol. Segundo o autor esses “*faits authentiques*” facilmente verificáveis, dariam conta de comprovar a urgência em barrar a entrada de um jogo “*déplorable*” que pode “*causer 21 morts em six mois*”.

O alerta dado pelo autor do artigo não parece ter tido repercussão. O próprio jornal, ao invés de engajar-se em uma propaganda anti-futebol, aumenta as notícias sobre o jogo, ampliando cada vez mais a cobertura das partidas ocorridas na França e no estrangeiro.

⁴ Todas as citações nessa seção são do último artigo da série, publicado no dia 14 de abril de 1891, com o título *Les victimes du football: dernier mot*.

⁵ Aqui fica evidente que o articulista buscou pesquisar melhor o tema, ou, pelo menos, demonstrar que tinha conhecimento sobre as distintas modalidades explicitadas pelo leitor em sua carta.

⁶ Era comum nos jornais franceses do século XIX o uso da inicial do sobrenome quando se reportavam fatos ocorridos a personalidades sem a intenção de apresentar-lhe a identidade.



5 Apropriação: a França inventa o futebol

Em 1900, o futebol já goza de certa notoriedade na França, todavia não se compara ao sucesso do esporte em sua terra natal, principalmente devido à classe de seus praticantes no país do continente. Na Inglaterra, o futebol é “*un sport populaire et un élément de La culture prolétarienne dès 1880-1890*”, enquanto que na França constitui “*en ses premières années un sport un rien snob, pratiqué par les jeunes bourgeois anglo-manes du Racing Club de France (1882) ou du Stade Français (1883)*” (BALMAND, 1990, p. 112). Na virada do oitocentos para o novecentos, o futebol ainda é próprio da elite francesa.

A 3ª República está em seu apogeu e pode apresentar ao mundo, na *Exposition Universelle de Paris de 1900*, toda sua riqueza, requinte e capacidade empreendedora. Além de maquinário industrial, obras de arte preponderantemente em estilo *art nouveau* e projetos arquitetônicos monumentais, a *Expo 1900* representa as esperanças de glória e paz para o século XX. Naquele ano, os Jogos Olímpicos acontecem em Paris, em sua segunda edição na era moderna. O Barão de Coubertin, famoso por incentivar a prática dos desportos ingleses, consegue iniciar um processo de mundialização desses esportes, somados aos antigos, apostando na sua vocação civilizadora. São os jogos capazes de fomentar a paz mundial, acredita. O futebol aparece pela primeira vez nos Jogos em sua segunda edição, na pátria de Coubertin e do *Comité International Olympique (CIO)*.

5.1 Jusserand e a soule

No ano seguinte aos Jogos Olímpicos na França, é publicado um livro de cunho nacionalista que sugere algo surpreendente na história do futebol: os franceses o inventaram. E não somente o futebol, mas diversos esportes. Conforme o autor do livro, Jean Adrien Antoine Jules Jusserand (1901), o futebol teve origem na França (mais especificamente na Normandia) e posterior “*adaptação*” do outro lado do Canal da Mancha.

Apesar de o jogo ser praticado pelos nobres, por religiosos “*et même par les rois*” era “*un jeu plutôt populaire*” que permitia a realização de partidas onde se enfrentavam paróquias contra paróquias e solteiros contra casados (JUSSERAND, 1901, p. 268).

O jogo da *soule*, *choule* ou *cholle*, afirma Jusserand, é muito antigo e “*universellement pratiqué en France*”. Em relação ao futebol praticado no século XIX, o autor afirma que

Le jeu était naturellement réglementé, aux époques lointaines, d'une manière moins “*scientifique*” et minutieuse qu'aujourd'hui ; mais les principes fondamentaux étaient les mêmes. Les deux troupes rivales avaient chacune un but ou camp à défendre ou attaquer, et il fallait, par n'importe quel moyen, coups de pied, coups de poing, course rapide, faire pénétrer le ballon dans le ou lui faire atteindre le but opposé (JUSSERAND, 1901, p. 267).

Obviamente, o próprio Jusserand sabe que sua afirmação tem pouca base. Ele a coloca como uma hipótese (JUSSERAND, 1901, p. 275). Mesmo assim, sua obra segue sendo citada por pesquisadores do esporte e, sem dúvida, representa uma forma de pensar aquele período da *Belle*



Époque francesa, onde se acreditava que as coisas belas, sofisticadas e civilizadas eram oriundas da França, ou difundidas por ela.

Passar pela *soule* tornou-se comum ao estudar a história do futebol. Hilário Franco Júnior descreve sua origem normanda e seu caráter ritualístico, mas chama as possíveis relações da *soule* com o *football association* de “especulações” que “são interessantes, porém não devem ser consideradas mais do que isso: especulações” (FRANCO JR., 2007, p. 19). Já José Miguel Wisnik, em seu *Veneno Remédio*, após apresentar algumas expressões ritualísticas da América pré-hispânica, afirma que “é sempre vão equiparar o futebol com modalidades pré-modernas de jogos com bola. Mesmo que tivessem, hipoteticamente, as mesmas regras, eles seriam jogados sempre, no limite, segundo outras lógicas” (WISNIK, 2008, p. 75). Todavia, na página seguinte, escreve: “*soule* é citação obrigatória quando se estuda a história do futebol”, introduzindo um bom apanhado sobre o assunto e, por fim, entendendo que tanto o *football association* quanto o *rugby* surgiram de uma manobra “*anti-soule*” que remodelou o jogo ajustando-o ao gosto aristocrático dos *clubs* de ex-estudantes (WISNIK, 2008, pp. 87-88). Ao dissertar sobre essa regulação do jogo normando da *soule* que deu origem ao futebol moderno, o autor nos dá um panorama de sua natureza:

Se comparado às antigas práticas, o jogo foi codificado de maneira a aparar-lhe as arestas, tornando-o controlável e contabilizável, arbitrado por um sistema de regras e “sublimado” na sua violência. Em vez de um número incontável e desigual de jogadores, temos onze de cada lado; em vez de campos, brejos pântanos e aldeias, um campo retangular e à parte do mundo comum, cercado de platéia; em vez de participantes feridos e ocasionalmente mortos na refrega, esportistas protegidos por regras que regulamentam idealmente o corpo-a-corpo; em vez de uma festa cheia de desperdício até o esgotamento das energias, um tempo regulamentar a ser esgotado (WISNIK, 2008, pp. 91-92).

5.2 A França, o futebol e as nações

Em 1904, é criada em Paris a *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA), demarcando uma nova etapa para a organização e a difusão do esporte. Seu primeiro presidente foi o francês Robert Guérin, que havia presidido a *Union des Sociétés Françaises de Sports Athlétiques*⁷ que, desde 1893, realizava o Campeonato Francês de Futebol. Entre os presidentes da FIFA, um dos mais conhecidos foi outro francês, que no período entre guerras capitaneou a organização da Copa do Mundo, cujo primeiro troféu, feito em ouro maciço, levava o seu nome: Jules Rimet. Apesar da trágica 1ª Grande Guerra ter aparentemente soterrado a esperança de uma paz duradoura entre os países, a França ainda era palco de projetos de integração entre os povos. Vale lembrar que foi em 1919, na Conferência de Paz de Paris, acatando sugestão do presidente dos Estados Unidos,

⁷ A USFSA foi fundada em 1890, com a fusão da *Union des Sociétés Françaises de Course a Pied* com o *Comité pour la Propagation des Exercices Physiques*, idealizado pelo Barão de Coubertin.



Woodrow Wilson, que foi fundada a Liga das Nações. Sediada em Genebra, na Suíça, era forte a atuação dos delegados franceses (BENDER, 2011).

Ao criar as instituições de caráter universal, os idealizadores franceses, junto com convidados “fundadores” de outras nacionalidades, transplantavam a sede para a Suíça neutra (mas de língua francesa). Tida como língua da diplomacia, das letras e das artes, o francês é a língua oficial do *Comité International Olympique* e, na *FIFA*, sempre foi direta ou indiretamente ligada aos dirigentes da entidade. Dos oito presidentes que a instituição teve até hoje, quatro tinham o francês como língua materna e pelo menos um (João Havelange – Jean-Marie Faustin Godefroid Havalange –, de pai belga e estudante do Liceu Francês do Rio de Janeiro⁸) como segunda língua. Os outros três eram ingleses completando a dupla de idiomas de maior importância, por um bom tempo, nas relações internacionais. São muitos os dados que confirmam a importância do idioma francês no período da 3ª República. Em 1920 ocorre uma conferência internacional sobre passaportes onde é acordada uma série de recomendações para uniformizá-los, entre elas a de que deveriam ser emitidos em forma de livretos e redigidos obrigatoriamente em pelo menos duas línguas, sendo uma delas a francesa (GEUSER, 2007, cap. 5). Outro episódio digno de nota, ao tratarmos da importância da língua francesa no jogo diplomático do período, é quando, em 1921, se tenta instituir o *esperanto*⁹ como língua oficial da Liga das Nações. Ao se debater a proposta, “*the French delegate argued that French was already the universal language and that consideration of this question should be deferred*” (FORSTERS, 1982, p. 172).

A língua universal é a língua do esporte que se coloca, através de um de seus principais nomes, Pierre Larrouse, como “mãe” ou “avó” do próprio termo:

SPORT s.m. (sportt – mot anglais formé du vieux français *desport* plaisir, divertissement). Ensemble d’amusements comprenant surtout ls exercices qui ont pour but de développer la force musculaire, l’adresse et le courage (LAROUSSE, 1875, p. 1031).

6 Considerações finais

Os dois episódios apresentados que ilustram duas posturas diante do esporte inglês (e nos casos em questão o futebol), a resistência e a apropriação, demonstram a dificuldade comum de almas nacionalistas ao se depararem com algo muito bom, mas produto de outra nação. Como elogiar, assimilar e amar o que representa o outro? Ao invés de aderir à proposta do correspondente do conservador *Journal des Débats* de proteger os jovens de um jogo tão “perigoso” e “apaixonante”, ou de seguir a hipótese de Jusserand de que o futebol nada mais é do que uma adaptação da *soule* normanda

⁸ “[...] é no período da III República (1870-1940), com Jules Ferry à frente da política cultural e expansionista, que se insere o processo de constituição e criação dos Liceus franceses fora da França. [...] a *influência cultural* exercida por eles devia fomentar a admiração pela cultura francesa e incentivar o consumo de produtos culturais franceses. E na perspectiva da educação como uma forma de disseminar a língua e a cultura francesa, os Liceus constituídos fora da França deviam se nacionalizar e formar os alunos nas duas culturas, a humanista francesa e a do país de sua instalação” (BALASSIANO, 2012, p. 19).

⁹ Língua criada pelo polonês Ludwik Lejzer Zamenhof, em 1887, com o objetivo de ser usada universalmente.



(portanto francesa), a visão que se consagra é a de Coubertin: os esportes não são dos ingleses, mas da humanidade. Essa noção permite que o futebol seja levado adiante e que o processo civilizador ganhe um novo patamar e um novo baluarte.

A Inglaterra passa o bastão para a França (sem muito gosto, obviamente), ao deixar um vazio que por lógica deveria ser preenchido por ela, na organização mundial do futebol. Entre os britânicos havia um sentimento de que

[...] o futebol era um jogo exclusivamente deles e assim deveria se manter. Jamais houve interesse por parte deles em exportar esse hábito *very British*, daí a longa recusa em participar de competições internacionais, daí a prolongada relutância em aceitar plenamente a FIFA. Os ingleses, espalhados pelo mundo devido ao vigor de seu império, procuravam ali jogar futebol apenas entre si, resistindo à participação dos nativos. Estes é que passaram espontaneamente a imitar aquela prática esportiva, demonstrando que ela refletia valores profundos de muitas sociedades, não apenas da Grã-Bretanha (FRANCO JR., 2007, p. 29).

Vigarello, ao tratar da história das Copas do Mundo, segue a mesma linha:

La Grande-Bretagne, “patrie” du football, créatrice du jeu, refuse les tournois internationaux: son équipe est absente des matches d’Amsterdam, comme elle sera absente de ceux d’Uruguay, en 1930. Les “maîtres” anglais ne peuvent pas encore jouer avec leur “plagiaires” étrangers (VIGARELLO, 1990, p. 7).

Essa postura inglesa abre espaço para as intenções francesas. O futebol, sem dúvida, nasce na Inglaterra oitocentista, fruto de um antigo processo civilizador próprio do contexto britânico de democracia e regulação nos embates políticos e sociais. No entanto, ele se mundializa efetivamente, após cruzar a Mancha e ser absorvido pelo espírito universal da *Belle Époque*, de uma elite intelectual francesa que desejava promover a paz através do esporte.

Todavia, a França não abraçaria em sua totalidade algo eminentemente inglês sem antes desenraizá-lo da Inglaterra, seja dando-lhe uma origem normanda, como Jusserand, seja atribuindo-lhe caráter universal e humano, conforme Coubertin. Quem hoje seria capaz de dar ao futebol uma nacionalidade? A Inglaterra é considerada o país do futebol? Ou é o Brasil? E a Argentina e o Uruguai, como ficam nessa situação? Quantos são hoje considerados (leia-se, auto-proclamados) o “país do futebol”? Sendo muitos, podem ser todos. A idéia ao se projetar a Copa do Mundo era mesmo essa, pois “*le projet néglige les pratiques ‘territoriales’ jusqu’à les subvertir. Le sport se veut pratique ‘universelle’, institution transnationale*” (VIGARELLO, 1990, p. 7).

O êxito francês foi internacionalizar as regras, capitaneando a construção de instituições esportivas (CIO e FIFA) que integrassem diferentes nações. Se a Inglaterra dos séculos XVIII e XIX pôde codificar jogos que refletissem a maior democratização e uma maior civilidade nas disputas, parece-nos que coube à França o papel de apropriar-se dos esportes e mundializá-los, tornando-os



sinônimo de confraternização entre os povos, seja na Copa do Mundo de Jules Rimet, seja nos Jogos Olímpicos de Coubertin.

Referências

ARNAUD, Pierre. *Les formes d'integration du sport dans l'institution scolaire. Problématique, hypothèses, enjeux*. In: **14^è. Congrès International**: International Standing Conference for the History of Education. Barcelona: Secretaria General del Deporte, 1992.

BALASSIANO, Ana Luiza Grillo. **Liceu Francês do Rio de Janeiro (1915-1965): instituições escolares e difusão da cultura francesa no exterior**. 2012. 242f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

BALMAND, Pascal. *Les écrivains et le football en France. Une anthologie*. **Vingtième Siècle. Revue d'histoire**, Paris, n. 26, p. 111-126, avril-juin 1990.

BENDER, Thomas. **Historia de los Estados Unidos: uma nación entre naciones**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2011.

BERTIN, Ernest; BOURGET, Paul ; CHAILLEY, Joseph et al. **Le Livre du centenaire du Journal des débats**. Paris: E. Plon, Nourrit et C^{ie}, 1889.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. v. 2.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **Deporte y ocio en el proceso de La civilizacion**. México; Madri; Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1992.

FORSTER, Peter Glover. **The Esperanto Movement**. The Hague: Mouton, 1982.

FRANCO JR., Hilário. **A dança dos deuses: futebol, cultura e sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GEUSER, Aurélie de. **Les archives du citoyen**. Chapitre 5: le passeport. Mulhouse: L'université de Haute-Alsace. 2007. Disponível em: <<http://www.piaf-archives.org/book/export/html/846>>. Acesso em: 30 set. 2012.

JUSSERAND, Jean Jules. **Les sports et jeux d'exercice dans l'ancienne France**. Paris: E. Plon, Nourrit et C^{ie}, 1901.

LAROUSSE, Pierre. **Grand dictionnaire universel du XIX^e siècle: français, historique, géographique, mythologique, bibliographique, Littéraire, artistique, scientifique, etc., etc**. Paris: Administration du grand Dictionnaire universel, 1875. Tomo 14.



LES VICTIMES du football. **Journal des Débats**, Paris, 9 de abril de 1891.

LES VICTIMES du football. **Journal des Débats**, Paris, 15 de abril de 1891.

LES VICTIMES du football: dernier mot. **Journal des Débats**, Paris, 21 de abril de 1891.

MASCARENHAS, Gilmar. **A bola nas redes e o enredo do lugar**: por uma geografia do futebol e seu advento no Rio Grande do Sul. 2001. 269f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

MÉRILLON, M. Daniel. **Concours internationaux d'exercices physiques et de sports**: rapports. Paris: Imprimerie Nationale, 1902. v. 2.

MÜLLER, Norbert (Org.). **Edition de textes choisis de Pierre de Coubertin**. Zurich; Hildesheim; New York: Weidmann, 1986. v. 1. Disponível em: <<http://www.coubertin.ch>> Acesso em: 16 set. 2012.

NETTEMENT, Alfred. **Histoire politique, anecdotique et littéraire du Journal des débats**. Paris: Dentu, 1842.

VIGARELLO, Georges. Les premières coupes Du monde, ou L'intallation du sport moderne. **Vingtième Siècle. Revue d'histoire**, Paris, n. 26, p. 5-10, avril-juin 1990.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

